

POVO DE LISBOA



Figueiredo Sobral

Pintor

Figueiredo Sobral é um pintor. Um pintor que pinta como se esculpisse, como se quisesse que os seus quadros tivessem perfil, e é por isso que os seus traços parecem saltar das paredes e quase cair no chão. E porque nunca

teve problemas em parar nas ruas mal frequentadas ou em usar rabo-de-cavalo, Figueiredo Sobral, aos 75 anos, continua a ter a mesma filosofia de vida que sempre teve: "Só quero que me deixem em paz a fazer aquilo de que gosto."

Estou contente com o meu rabo-de-cavalo

JOÃO NASCIMENTO TEXTO BRUNO ELIAS FOTOS

Pintar um quadro não é só pintar um quadro, da mesma forma que escrever um livro ou esculpir uma peça não é só escrever um livro ou esculpir uma peça. Isto porque a arte tem mais qualquer coisa do que a matéria ou a forma como as mãos mimam a matéria. E depois há aquela vontade de querer ir mais longe do que os outros foram, de fazer o que nunca foi feito, de criar o incrível, o impossível. O que não existia antes. Talvez porque seja essa a função do artista. Do actor. Do pintor. Do escultor. Daquele para quem não existe designação, mas apenas a necessidade de fazer qualquer coisa. E só por isso faz. E só por isso: faz.

Figueiredo Sobral usa massas e cores e texturas para pintar. E é por isso que os seus quadros não parecem bem quadros, antes esculturas ou outra coisa qualquer. Esculturas que servem para pendurar na paredes. E onde as mulheres aparecem quase sempre nuas e são sempre bonitas e têm uma importância imensa. Uma importância que está para além da tela. "É praticamente impossível fazer o que nunca foi feito ou pensar o que nunca foi pensado. Isso só pode acontecer por acidente. Por acaso. A solução para este dilema é só uma, é fazer as coisas melhor do que todos os outros as fazem". E quando lhe perguntam como chegou a essa conclusão, Figueiredo Sobral, que tem 75 anos, usa rabo-de-cavalo e laço apertado, e sempre gostou de parar nas ruas mal frequentadas, pensa um pouco e diz: "cheguei de Metro", "Sabe, aquilo que acontece quando tentamos enriquecer a realidade é cairmos sempre no normal. Na vulgar. É por isso que aquilo que me interessa é outra coisa. É o intratado. O básico. O simples. O essencial. O que me interessa é o ícone, não a imitação do ícone. Não o simulacro".

Viuvo e sem filhos, Figueiredo Sobral, nascido na Mouraria, já não se importaria de dei-



Figueiredo Sobral diz-se incapaz de deixar de pintar, porque deixaria de se reconhecer frente ao espelho

desse continuar a fazer aquilo que quer. "O importante para mim é que não me chateiem. Que me deixem em paz".

Sabe-se que começou a desenhar ainda muito novo, exactamente no dia em que um amigo lhe deu algumas resmas de papel. De papel sem préstimo. De papel em branco. "Ainda me lembro de como me entretinha a rabiscar aquilo tudo. Da mesma forma que o analfabeto também escreve. Depois parti à procura da forma incrível. Daquela que sur-

pintasse. Outro que eu não reconheceria no espelho". Muitas das obras de Figueiredo Sobral estão expostas, até ao fim deste mês, na sala de exposições do Sindicato dos Professores, na Rua Fialho de Almeida, n.º 3.

E quando o almoço acabou, e só as espigas de bacalhau ficaram no prato, o pintor levantou-se, disse uma graça qualquer a duas estrangeiras que estavam na Pastelaria Suíça, e que não o compreenderam, agarrou nos pinicéis e nos jornais que trazia, e disse qualquer